

## De onde vêm os analistas?

Prefácio

Marcus André Vieira



**Resumo:** Breve abordagem da formação do analista destacando a importância do dispositivo do passe. Prefácio para o livro de Mirta Zbrun "A formação do analista".

A psicanálise se caracteriza por seus contornos imprecisos. Desde sua definição inaugural por Freud, como prática bicéfala, ao mesmo tempo método de investigação e de tratamento, ela já nasce uma coisa e outra e, por isso mesmo, nem exatamente uma coisa, nem outra. Ela não se reduz a uma técnica protocolar, mesmo se divã e associação livre são regularmente presentes. Tampouco se delimita como um corpo de saberes específico, resultados das descobertas crescentes e acumulativas de um procedimento de investigação invariável. O mesmo vale para o plano do que se exigirá de alguém para que ele seja reconhecido como psicanalista. Desde Freud, a tríade composta pela apreensão dos conceitos, prática supervisionada e análise pessoal mantém-se solidamente reconhecida por todos como o fundamental da formação do analista. Essa tríade atesta, porém, o mesmo fenômeno, pois, dada a essência variável da psicanálise, somente cercando-a por estas três vertentes de sua experiência própria podemos considerar tê-la apreendido o bastante para poder exercê-la. De fato, a psicanálise nunca se confundiu unicamente com a aquisição, por parte do praticante, de capacidades precisas, mesmo se uma formação médica ou de psicólogo são pré-requisitos comumente exigidos. Talvez por esta razão ela tenha ficado até hoje à

margem dos mecanismos de regulação e legislação do estado. Estas premissas indicam a íntima vinculação entre uma prática flexível e uma formação que exige igual flexibilidade. Elas foram extensamente examinadas por Jacques Lacan em um ensino que se estendeu por mais de trinta anos. Nele, Lacan, retoma paciente e decidido, a prática clínica inventada por Freud para fornecer-lhes bases epistemológicas, produzir novas ferramentas clínicas e explorar as consequências da novidade freudiana no plano social e político. É exatamente este último ângulo da posição lacaniana a que o livro de Mirta Zbrun nos abre ao convidar o leitor a percorrer o tema da formação do analista em uma investigação que conduz a elementos positivos de definição. Acompanhamos de modo simples e preciso, no estilo de Mirta, fruto de muitos anos de ensino da psicanálise a partir de uma grande experiência como psicanalista, uma série de demonstrações encadeadas. Primeiramente uma abordagem histórica. Descrevem-se os meandros da constituição de um modo de conceber a psicanálise nos moldes de uma técnica específica ao estilo da clínica médica, assim como um modo de formação do praticante apoiado no mesmo modelo, o de um estudo acompanhado de prática supervisionada. As "horas de voo" e a avaliação pelos professores, neste contexto, conferem ao praticante um diploma que atesta sua competência. A partir deste modelo de formação, de aparência tão razoável, Mirta vai demonstrar a incidência própria de Lacan, que intervém sobre este estado de coisas como um terremoto. Sua subversão funda-se no impasse a que esse tipo de concepção estava levando a psicanálise. O impasse é relativamente simples: se tomamos a formação com algo parecido com a pilotagem de aviões, como na medicina, que pode se dar ao luxo de tomar o corpo como uma máquina, terminamos por perder o essencial da psicanálise que é lidar com aquela fração nossa irreduzível ao maquinismo clínico. Lacan deverá então responder à questão: mas se não é desse modo, como nascem, então, os analistas? A resposta de Lacan, ensina Mirta, pode ser resumida como: não há uma formação objetiva, mas há, objetivamente, analistas. Para Lacan, a existência de analistas é um fato, por outro lado, aquilo que os tornou o que são é tão variável e

singular que não pode ser codificado. Tudo acontece como na célebre metáfora freudiana do xadrez. Podemos descrever objetivamente os começos e as conclusões, mas o correr do jogo é tão variável que se mantém fora da objetivação prévia. De modo análogo, cada analista forma-se essencialmente a partir de sua análise, que dará lugar à qual fração singular de seu ser em uma língua tão própria que não poderá ser avaliada segundo protocolos universais. Essa é a aposta maior de Lacan, a de deixar em aberto o que seria a mutação subjetiva necessária para a prática com o inconsciente, aceitando ao mesmo tempo que ela poderá ser dita, um por um. A segunda parte do livro é dedicada exatamente a examinar essa aposta, sua grande invenção para dar-lhe existência institucional, o

passé. O passé é um modo de trazer a público a maneira singular como alguém lidou com sua porção mais bizarra e fora do sentido e ganhou de seu inconsciente a mínima distância para não ser tomado por ele a cada esquina. Esse é o aspecto mais original da leitura de Mirta. Ela leva a sério, no plano da história da psicanálise, a premissa lacaniana de que a política institucional não é uma questão exterior à sua clínica, associada a ela apenas como um mal necessário. É uma concepção de que ainda padecem muitos analistas, o analista seria uma bela alma clínica apenas envolvida com os males de seu paciente em um espaço extraterritorial com relação à sua cidade. Ora, não somente isso talvez nunca tenha sido integralmente uma verdade, como, ao que tudo indica, está definitivamente fora de moda. Os analistas sempre praticaram em sua cidade, em seu tempo, e sofreram as injunções desses contextos (apenas um exemplo célebre em nosso meio basta: o da análise de Amilcar Lobo). Além disso, a própria ideia de um espaço de extraterritorialidade está em extinção em uma sociedade vivendo sob a tirania da transparência e da avaliação continuada. J. - A. Miller expande esse diagnóstico para a psicanálise. Se o sacerdócio da medicina e a atopia do filósofo estão fora de cartaz, se o médico hoje tende a ser um técnico e o intelectual um jornalista, como situar o analista que nessas figuras sempre se apoiou? O analista podia gozar da ilusão de viver em seu consultório como num mundo à parte. Hoje, nos tempos de um “sorria você está

sendo filmado" generalizado, esta ilusão pode colocar a perder a psicanálise. É essencial, portanto, desdobrar, como faz Mirta, os meandros do debate de Lacan com as instituições psicanalíticas de seu tempo - exatamente sobre o tema da formação do analista - em sua luta para preservar a fração de imponderável nessa formação. Entende-se porque seja preciso definir o que ocorre no final de uma análise. Mirta não hesita em promover um certo esquematismo em sua matematização, mas ele deve ser lido sob este contrafundo. Lacan ao buscar alternativas institucionais ao mestre de sua época lembra-nos que é preciso travar combate análogo com relação ao mestre contemporâneo. É preciso avaliar se a forma Escola, tomada, como diz Mirta, como conceito e não como preceito, forjada como resposta ao mestre da IPA, a internacional de psicanálise do tempo de Lacan, pode ou deve ser repensada para nossos dias.

Ao apostar no passe, a comunidade em que nos inserimos, a das Escolas reunidas na *Associação Mundial de Psicanálise*, propõe que estas questões sejam abordadas a partir do que nos ensinam sobre a psicanálise hoje os testemunhos de passe, dos analistas que estimam poder transmitir a passagem de seu achado singular para o coletivo sem torná-lo moeda universal. O combate de Lacan se oferece, assim, para a comunidade mais vasta da cidade, pois é também o de uma psicanálise que não depõe as armas diante da tirania da transparência e preserva uma formação do analista que inclua este insensato e singular imponderável.